

É da Fé que a Gente Se Vale¹

Jadnaelson da Silva SOUZA²
Maria Francineide Lima de SOUZA³
Fabíola Moura Reis SANTOS⁴
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este trabalho descreve o processo de elaboração do videodocumentário intitulado É da fé que a gente se vale, apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. Trata-se de um produto audiovisual experimental que apresenta um pequeno inventário de ritos e rezas do catolicismo popular sertanejo, o que dá noção ao espectador da riqueza cultural da região. O documentário é composto por depoimentos e simulações dos rituais narrados por moradores da zona rural de Petrolina-PE.

PALAVRAS-CHAVE: Videodocumentário; Catolicismo Popular; Crenças; Religiosidade; Rezas.

1 INTRODUÇÃO

O videodocumentário “É da fé que a gente se vale” é resultado de um ano de pesquisa para a conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios e apresenta rituais do catolicismo popular sertanejo. A construção do filme baseou-se na memória oral de moradores de comunidades rurais de Petrolina-PE e procura fazer um resgate da cultura popular que envolve rezas, simpatias e crenças que permeiam as histórias dos antepassados e compõem o presente dos descendentes dessa parte da população brasileira.

Quando se trata de fé, a grande dificuldade é dar a este assunto tratamento digno e ético, tendo em vista a subjetividade intrínseca às questões religiosas de cada indivíduo, fugindo de abordagens estereotipadas e ridicularizadas. Para isso, se estudou a fundo as origens e as particularidades do catolicismo popular sertanejo.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo (avulso/ conjunto ou série).

² Aluno líder do grupo e recém-graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia, email: jadnaelson@gmail.com.

³ Co-autora do trabalho e recém-graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia, email: marialimasilva2011@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, da Universidade do Estado da Bahia, email: fabiolamsantos@hotmail.com.

O nordestino re-significou o Catolicismo oficial e o adaptou às suas particularidades e necessidades, daí surge o Catolicismo Popular, que “manifesta-se por atos concretos ligados ao cotidiano, como rezar para pedir chuva, benzer uma pessoa doente”. (CRUZ, 2010, p. 17). O sertanejo faz suas rezas e dá suas bênçãos, mas essas “sempre são seguidas pelas rezas básicas da Igreja Católica, como o Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Credo, a Salve-Rainha e outras mais, de vez que tais orações não dizem, respeito, diretamente, às suas necessidades”. (MAIOR, 1998, P.58).

O catolicismo popular sertanejo é a base teórica do videodocumentário “É da fé que a gente se vale”. A pesquisa aconteceu no interior da cidade Petrolina-PE e apresenta rezas e ritos realizados pelos moradores dessas regiões para obter as mais variadas graças, como afastar chuva e ventos, curar feridas de animais ou encomendar as almas dos moribundos.

2 OBJETIVO

Neste experimento, objetivamos contribuir com o resgate da memória da cultura popular nordestina, com a construção de um pequeno inventário de rezas e ritos próprios do catolicismo popular sertanejo. Esse registro colabora para a difusão de parte da cultura nordestina e provocando reflexões sobre o jeito de ser e viver do sertanejo, a partir de suas tradições religiosas.

3 JUSTIFICATIVA

Apesar de os diretores de “É da fé que a gente se vale” serem jornalistas, na elaboração desse inventário sobre rezas e ritos do catolicismo popular sertanejo, optou-se pela linguagem documental por sua busca pela subjetividade, a parcialidade. Segundo Penafria (2001) “um documentário é uma obra pessoal e implica uma necessidade da parte do documentarista em expressar algo, em dizer algo sobre determinado assunto” (p. 6).

A linguagem documental permite a experimentação e tem como princípio básico, como apontou John Grierson, o “tratamento criativo da realidade” (DA-RIN, 2004, p.198), essa flexibilidade no tratamento estilístico foi outro fator preponderante na escolha do documentário como suporte para a pesquisa. Essa possibilidade foi muito explorada em “É da

fé que a gente se vale”, desde o uso do efeito *Black and White* até o fato de o título do filme só aparecer ao final, passando pelo polêmico uso de simulação.

O uso deste último recurso ainda é bastante contestado no documentário por ser uma técnica ficcional que “aprofunda a representação cinematográfica de determinado tema” (PENAFRIA, 2003, p. 4). As histórias relatadas em “É da fé que a gente se vale” aconteceram em outras épocas, por se tratar de eventos do passado, foi utilizada a técnica da reconstrução de algumas cenas a fim de dar a dimensão da importância do que estava sendo relatado. “Há uma tentativa de melhor contextualizar o fato (passado) a partir de algum tipo de interferência do documentarista no espaço (presente).” (MELO, 2002, p.5).

Além da ousadia experimentada na construção do videodocumentário – este foi o primeiro produto deste gênero do curso a utilizar o recurso da simulação -, “É da fé que a gente se vale” é um documento de importância social e histórica, uma vez que é a primeira pesquisa que se tem notícia realizada em Petrolina acerca do catolicismo popular sertanejo, registrando os rituais.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A grande primeira decisão, depois da definição do tema e do formato escolhido, foi o uso da técnica da reconstrução (PENAFRIA, 1999), encenação (RAMOS, 2008) ou reconstituição (MELO, 2002) de cenas. Essa opção nos ajudou a compor o videodocumentário da melhor forma possível, a fim de tornar inteligíveis os acontecimentos relatados pelos depoentes.

Segundo Penafria (2003), a reconstrução é um dos recursos ficcionais que “aprofundam a representação cinematográfica de determinado tema” (p. 4) e foi o que aconteceu com o nosso produto e “Querer negar estatuto documentário a uma narrativa, alegando a existência de encenação, é desconhecer a tradição documentária”. (RAMOS, 2008, p. 26)

Depois dessa decisão, passamos a mapear as histórias que iam compor o documentário, no entanto, não trabalhamos com roteiro pré-definido. O que fizemos antes e durante cada dia de gravação foi um *checklist* para garantir a captura de todas as imagens que imaginávamos precisar. Soares (2007) aponta essa falta de roteiro definido como uma

particularidade do próprio documentário e destaca que muitas produções documentais só são “resolvidas” em sua fase de pós-produção.

Todas as imagens do filme foram captadas por duas câmeras: uma semi-profissional *Canon Legria HS20* e uma *handycam Sony DCR-SR68* para imagens de apoio. Utilizamos também um microfone *Le Son Mc-200 Vocal Professional* acoplado a primeira câmera para captação do áudio dos depoimentos.

Na maioria dos depoimentos que colhemos utilizamos o plano frontal que prioriza o personagem, enquadrando-o do tórax para cima, com a câmera ao nível de seus olhos. Este “plano permite uma relação de neutralidade valorativa entre o observador e o objeto da observação” (NOGUEIRA, 2010, p.43). O plano frontal é tido como referência na planificação cinematográfica e na construção de “É da fé que a gente se vale” não foi diferente.

A partir desse plano experimentamos algumas variações com base nos conhecimentos de técnicas de fotografia. Um exemplo dessas experiências foi a gravação do depoimento de Maria Geralda sobre o carvão que aparecia perto do pote. Aqui utilizamos a lei dos terços “que consiste na divisão de uma imagem através de duas linhas verticais e duas linhas horizontais equidistantes, cuja intercepção assinala os pontos fortes da imagem”. (NOGUEIRA, 2010, p. 51). Assim, deslocamos a câmera um pouco para a esquerda situando a depoente na intersecção das linhas que demarcam os quadrantes superior e médio do vídeo.

A produção de cenários para a gravação de alguns depoimentos e das simulações também foi uma das técnicas mais utilizadas na construção de “É da fé que a gente se vale”. No depoimento sobre a reza para controlar fogo, por exemplo, fizemos uma fogueira com a intenção de contextualizar o depoimento. Além deste ganho, conseguimos também aumentar a luminosidade do ambiente, mesmo assim precisamos de uma lâmpada branca de 30 watts.

Outro plano bastante interessante e que foi muito utilizado em “É da fé que a gente se vale” foi o plano detalhe, que é “aquele que mais rigorosa e deliberadamente dirige a atenção do espectador” (NOGUEIRA, 2010, p.36). Este plano foi trabalhado nas simulações da reza do fogo, para encontrar animais perdidos, na cena das crianças brincando e no ritual da cruz na porta da casa e na captação dos depoimentos de Dona Raimunda do Barreiro e de Dona Júlia.

Foi explorado também o plano geral que se “permite apresentar uma vasta quantidade de informação” (NOGUEIRA, 2010, p.40). Esse plano foi bastante utilizado na história sobre o homem invisível para expor a beleza do cenário e também na simulação da simpatia para o bom parto, no intuito de apresentar ao espectador o caminho percorrido pela personagem e na simulação da reza para controlar o fogo para mostrar como era o ritual.

Entre os movimentos mais utilizados estão o *Zoom-in* e *Zoom-out*. Este movimento “possibilita a manipulação da perspectiva dentro do próprio plano” (NOGUEIRA, 2010, p.71). Outro movimento bem aproveitado foi o realizado na simulação do homem invisível, no plano subjetivo. Para realizar essa tomada, fizemos os movimentos de corrida e caminhada com a câmera fixada, com nossas próprias mãos, junto ao abdômen, imitando uma *steadycam*. Este plano

permite transportar o espectador para o contexto ou mesmo para o centro da ação, fazendo-o ocupar o lugar da personagem, como o comprova a utilização frequente nos videogames (cuja linguagem, neste como noutros aspectos, é influenciada pelas convenções cinematográficas). (NOGUEIRA, 2010, p. 44)

Ao fim das gravações, tínhamos 36 horas de imagens para compor o documentário. Editamos o material com a ajuda de um profissional, Kleyton Nunes, todo o aparato técnico para a edição pertencia a ele. O programa de edição utilizado foi o *Adobe Premiere Pro*, proveniente da *Suíte CS6* da *Adobe*. O Computador utilizado foi um *Intel Core 2 Duo*, com *4 Gigabyte de Memória RAM*, com disco rígido de *1 Terabyte* e mais uma mídia removível *HD* externo de *500 Gigabytes*.

Entre os efeitos utilizados na montagem do documentário está o de fusão de imagens, (em *black*) em alguns momentos, para fazer a transição de *takes*, inclusive nos cortes de sonora. O documentário é todo colorido, exceto nos momentos de simulação, onde optamos pelo uso do preto e branco. O *Black and White* é mais que uma escolha estética, é uma preferência repleta de questões semânticas, que remetem à ideia de algo que aconteceu no passado e, como defende Nogueira (2010),

se a cor é um dado fundamental de certas imagens arquetípicas (como o sangue nos filmes de terror ou as explosões nos filmes de ação), o recurso ao preto e branco não deixa de possuir uma igualmente vasta história, cheia de implicações dramáticas e retóricas: as tradições do documentário e do filme de guerra, por exemplo, proporcionaram a esta solução (a)cromática um certificado de autenticidade invejável. (p. 66)

O arremate na construção de “É da fé que a gente se vale” foi a opção pelo uso do *Background*. Inicialmente foi utilizado apenas o som ambiente captado pelos microfones das próprias câmeras, mas, no decorrer do processo de finalização, notamos a necessidade do uso de temas regionais. Por isso, foram utilizadas canções armoriais como BG.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“É da fé que a gente se vale” é um videodocumentário de 22 minutos e 15 segundos que mostra histórias de fé do povo sertanejo, especificamente, do sertão pernambucano. Todas as imagens do filme foram gravadas pelos próprios diretores/alunos entre os 10 de novembro e 16 de dezembro de 2012. Ao todo foram captadas 36 horas de gravação, divididas entre duas câmeras, entre depoimentos e simulações.

Todas nossas imagens foram feitas na zona rural da cidade de Petrolina-PE. A maioria no Sítio Rio Verde, Balneário de Pedrinhas, local onde se concentrava a maior parte dos personagens. Mas gravamos também nos Sítios Barreiro e Jatobá, ambos na região do Projeto Irrigado Pontal Sul.

Fé é algo bastante subjetivo e captar isso em imagens e depoimentos sem estereotipar ou ridicularizar o sentimento alheio era o nosso grande desafio. Retratar com dignidade essa herança cultural que tem suas raízes na miscelânea étnica brasileira foi o objetivo colocado desde o primeiro momento e perseguido insistentemente pelos diretores/alunos. Para alcançar essa meta, várias leituras sobre catolicismo oficial e popular foram feitas na fase de pré-produção.

Ainda na fase de pré-produção fizemos todos os contatos com as pessoas que nos contariam suas histórias. Nesse período aconteceu “uma negociação prévia, para a viabilização do registro, que marca o início de um processo de troca entre “eu” e um “outro”. (SOARES, 2007, p.21).

As pessoas que nos relatam suas histórias são: Júlia Bertulina, 62 anos, reza para que animais desaparecidos voltem aos currais; Raimunda Santana, 87 anos, relatou o ritual de exultação da alma de moribundos através da ‘vela na mão’; Maria Geralda, 52 anos, conta sobre uma simpatia para crianças tímidas e sobre o ritual do carvão no pé do pote; Maria do Socorro, 60 anos, revela uma simpatia para garantir um bom parto e descreve as rezas para

controlar fogo e afastar redemoinhos; Maria Isaque que fala sobre a reza que seu pai fazia para ficar invisível; Sidinei marcone, 28 anos, conta sobre uma reza para afastar chuva durante a colheita do feijão; e, Almir da Silva, 33 anos, que mostra um ritual para curar feridas de animais.

Contamos ainda com os depoimentos de Lenilda Maria da Silva, Luzia Cristina da Silva, Sandra Cavalcanti da Silva, Joaquim Santana, Joana D’arc da Silva, Ana Gonçalves e Arnaldo Nunes Rosa que contam o que já ouviram falar sobre essas rezas e rituais. Além disso, alguns deles no ajudaram nas simulações dos rituais, bem como as crianças Jéssica da Silva Souza, Aline Cavalcanti da Silva, Nívea Cavalcanti da Silva, Letícia Cavalcanti da Silva e Ailton Santos Silva, todos moradores das próprias comunidades onde se dão as histórias.

Todas as imagens foram captadas pelos alunos/diretores. O roteiro foi montado na fase de decupagem – como explicamos anteriormente - e serviu para balizar o trabalho de edição, porque todos os *takes* que seriam utilizados na montagem do vídeodocumentário foram selecionados e o *time code* de entrada e saída de cada um devidamente indicado. Todas essas informações foram registradas em um roteiro formado por duas colunas, onde do lado esquerdo encontravam-se as informações referentes ao take (número, *time code* de entrada e saída, cortes entre um *take* e outro etc.), nomes dos entrevistados, referências dos textos da fala e do lado direito as informações referentes ao conteúdo da cena (a história que era contada, o depoimento que estava sendo encenado etc.).

Essa forma como fizemos é considerada uma das melhores maneiras de decupagem de material e roteirização para documentários. “Um dos melhores métodos (para a edição) é fazer uma edição no papel. Cada seqüência pode ser escrita em fichas de arquivo resumindo o assunto tratado por cada uma delas, suas entradas e saídas.” (ROSENTHAL *apud* SOARES, 2007, p.188).

Como *Background* utilizamos músicas armoriais que remetem automaticamente o pensamento ao nordeste. A trilha final tem as músicas: “Martelo Agalopado” de Antonio Nóbrega, do álbum "Do romance ao Galope Nordestino" (1974); “Chegaça de Mouros”, “Concerto para Berimbau e Orquestra Bendito e Marcha Rural” do grupo pernambucano Quinteto Armorial. Ainda explorando a rabeca como um dos instrumentos da trilha sonora, utilizamos as músicas: “Relembrando Meu Pai – Festa de Novena”, composição de Camarão com interpretação do musicista francês Nicolas Krassik e do grupo Cordestinos (2008).

A etapa de edição foi realizada entre os dias 3 e 26 de dezembro, em um total de nove dias equivalente às 36h, dispersados nesse período. O vídeodocumentário foi finalizado no dia 26 de dezembro de 2012.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção de “É Da Fé Que A Gente Se Vale” comprovou para nós as possibilidades que o campo do audiovisual nos possibilita em termos de criação. Na seara do documentário, podemos observar quão diversificada pode ser a produção e como esse gênero possibilita incursões criativas na elaboração, produção e finalização de filmes.

“É Da Fé Que A Gente Se Vale” não é a primeira produção que aborda a questão do Catolicismo Popular Sertanejo, em especial das rezas, mas é o primeiro produto que retrata essas práticas na cidade de Petrolina – não chegou ao nosso conhecimento outro vídeodocumentário que aborde o tema produzido aqui na região. Assim, sem querermos ser pretensiosos, podemos afirmar que conseguimos elaborar um pequeno inventário de ritos do Catolicismo Popular praticado nessa região, essa é a contribuição social alcançada com a produção desse documentário.

Do ponto de vista acadêmico, esse pequeno inventário formulado em “É Da Fé Que A Gente Se Vale” é também uma contribuição inestimável, especialmente para a Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro, com seus cursos na área de Ciências Humanas, para os cursos das áreas Sociais da Universidade Federal do Vale do São Francisco e para as licenciaturas nessas áreas do conhecimento oferecidas pela Universidade de Pernambuco, em Petrolina. Além disso, o percurso metodológico e teórico que fizemos pode contribuir significativamente para o aprofundamento das pesquisas no vasto campo do Catolicismo Popular Sertanejo.

Já a utilização da simulação no vídeo - documentário serve de estímulo para que outras produções experimentais no curso de Jornalismo se enveredem pelo uso desse recurso que, se bem empregado, pode acrescentar muito à qualidade do produto final. É um desafio prático e teórico muito grande defender a aplicação desse recurso ficcional no documentário, mas a contribuição dele para a produção de significados no filme é valiosa e, portanto, digno de ser defendido sem nenhum ônus ao caráter não-ficcional do gênero documental.

Isto posto, acreditamos que cumprimos com o que o que nos propusemos a fazer: retratar em um documentário as crenças e a fé de uma parte do povo nordestino, sem estereotiparmos ou fazermos chacota com as crenças alheias. Essa preocupação sempre balizou nosso trabalho, porque, quando tratamos de algo tão subjetivo quanto é a fé, a linha entre a valorização e a ridicularização é muito tênue. Apesar disso, conseguimos alcançar nosso objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, João Everton da. **Frei Damião**: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste Brasileiro. 2010, 115 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp150058.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azouque, 2004.

MAIOR, Mário Souto. **Orações que o povo reza**. São Paulo: IBRASA, 1998.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; e MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001. Disponível: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como Gênero do Audiovisual**. Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP7MELO.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Editora Papirus, 2005.

NOGUEIRA, Luiz. **Manuais de Cinema III**: Planificação e montagem. Covilha: LabCom Books, 2010.

PENAFRIA, Manuela. **O Documentarismo do Cinema.** In: Ícone, volume 1, numero 7, Julho de 2004, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, pp.61-72. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2012.

_____. **O filme documentário: História, Identidade, Tecnologia.** Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

_____. **O ponto de vista no filme documentário.** 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa e CATANI, Afrânio (orgs.). **O que é documentário?** Estudos de Cinema SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf> >. Acesso em 01 jun. 2012.

_____. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência.** Revista USP, São Paulo, 4(1/2), p. 285-298, 1993. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>>. Acesso em: 28/12/2012

SOARES, Sérgio J. Puccini. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção.** 2007. 250 p. Tese (Doutorado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Roteiro_de_Documentario_SergioJosePuccini_Unicamp.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

TORRES, Eduardo Cintra. O recurso à ficção em dois filmes documentais portugueses. In: BORGES, Gabriela; PUCCI JR., Renato Luiz; SELIGMAN, Flávia (Eds). **Televisão: Formas audiovisuais de ficção e de documentário.** São Paulo: Faro e São Paulo, 2011, p. 27-37. Disponível em: <<http://www.ciac.pt/libs/71ee973a26/60.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.